

## **EDUCAÇÃO LINGÜÍSTICA E LETRAMENTO: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Brenda Oliveira de Aguiar; Sandy Teixeira de Souza

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará, Campus Camocim  
e-mail: ifcecamocim@hotmail.com*

**Resumo:** A educação brasileira consolidou o método tradicional da gramática como o jeito certo de ensinar língua portuguesa, essa postura tem desencadeado um descompasso na vida do estudante e falante desta língua, que não consegue relacionar os estudos da escola com as práticas de comunicação no seu cotidiano. A norma padrão atende o falante apenas em alguns contextos. A linguagem é o mecanismo mediador presente no ato da interação humana, ela quem conduz o processo comunicativo entre os sujeitos, compreender o funcionamento do seu uso é imprescindível para a colocação do homem em sociedade. Este artigo apresenta uma proposta para o ensino de língua portuguesa, elegendo as práticas do letramento e da educação linguística como base para os paradigmas didáticos de ensino, tendo em vista a interação que esses mecanismos despertam nos ambientes de sala de aula, o estímulo à produção de diferentes gêneros textuais, para uma percepção prática da gramática normativa, com foco nos diferentes contextos comunicativos, que representam as vivências cotidianas dos falantes, poderia contribuir para uma melhor formação em língua portuguesa. Concordamos com a perspectiva da Linguística Funcional que entende a língua a partir de seu uso nas práticas comunicativas, representando os diferentes contextos de interação humana, a qual explica os aspectos gramaticais partindo de situações interativas concretas entre os falantes. Deste modo procuramos nos orientar pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, como também observamos o embasamento teórico dos autores que compreendem a língua nesta visão funcional de ensino: Bagno (2005, 2007), Martelotta et all (2003), Furtado da Cunha (20013), Martelotta (2013), Marcuschi (2009), Travaglia (2001).

**Palavras chaves:** linguística funcional, educação linguística, letramento.

## **Introdução**

A norma padrão da língua atende o falante apenas em alguns contextos. A linguagem é o mecanismo mediador presente no ato da interação humana, ela quem conduz o processo comunicativo entre os sujeitos falantes, compreender o funcionamento do seu uso é imprescindível para a colocação do homem em sociedade.

Educar o falante linguisticamente é responsabilidade da escola, no entanto o que se consolidou no sistema educativo foi a oferta de uma educação linguística normativa, fncada nos pressupostos do formalismo linguístico, que não cumpre com o proposto pelos programas nacionais curriculares, qual seja, a função de preparar o aprendiz de língua portuguesa para o uso efetivo da língua de acordo com as necessidades comunicativas.

Este trabalho segue os princípios da Linguística Funcional que compreende a língua partindo do uso nas situações de interação entre os sujeitos, os quais na composição de seus discursos lançam mão das várias possibilidades oferecidas pela linguagem. O cenário atual de ensino de língua portuguesa necessita de intervenção, neste artigo propomos um encaminhamento para a educação, que vê nas práticas do letramento e da educação linguística ferramentas indissociáveis no processo educativo.

### **O ensino da língua portuguesa focado no uso.**

O uso da língua não ocorre de maneira aleatória, o processo comunicativo segue regras próprias do sistema linguístico que não se submetem às vontades individuais, mas obedecem um padrão natural e aceito pelos falantes, partindo dessa perspectiva concordamos com o posicionamento de Martelotta:

[...] os falantes não combinam unidades de qualquer modo [...] seguem uma tendência de colocação que parecem estar associadas ao conhecimento geral que possuem de sua própria língua, que lhes permite formular e compreender frases em contextos específicos de comunicação. (MARTELOTTA, 2013, p. 44).

Desse modo todo falante possui uma ‘gramática interna’, que ele constitui deste os primórdios de suas relações e ao longo da vida desenvolve e aprimora esse conhecimento em seus grupos, esse processo social origina as variedades linguísticas que são as diferentes

maneiras e possibilidades do ato comunicativo, no contexto da escola essas variedades ainda sofrem por certos preconceitos devido ao costume tradicionalista de ensino que elege a norma culta como a forma certa de estudar língua portuguesa.

O estudo da linguagem não pode ser feito apenas sob paradigmas estruturais, é fundamental conhecer a estrutura da língua e os elementos que a compõe, no entanto não podemos reduzir toda a complexidade do processo comunicativo unicamente a esse modelo de estudo, acreditamos que a compreensão da língua ocorre quando partimos do uso real nas situações de interação entre os sujeitos que na composição de seus discursos lançam mão das variadas possibilidades que a língua oferta, segundo Furtado da Cunha (2013, p.157) a linguagem é compreendida como um instrumento de interação social:

Seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa – que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo – a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura explicar regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso.

Diante do exposto acreditamos que a escola deve ofertar uma educação linguística que contemple o conhecimento da língua em seu uso, nas efetivas situações de comunicação, possibilitando ao aprendiz de língua portuguesa a compreensão da complexidade do processo comunicativo, percebendo criticamente os discursos que produz em suas relações cotidianas como produtos dos processos interativos mediados pelo uso da língua.

Os parâmetros curriculares nacionais compreendem a linguagem em seu uso e orientam a escola a seguir esta mesma linha de entendimento nas práticas em sala de aula de língua portuguesa:

Ensinar a escrever textos torna-se uma tarefa muito difícil fora do convívio com textos verdadeiros, com leitores e escritores verdadeiros e com situações de comunicação que os tornem necessários. (PCN, pag. 23).

O entendimento da necessidade de ensinar a língua partindo de situações significativas que refletem a interatividade dos processos comunicativos em seu uso norteiam os documentos oficiais que regulamentam o ensino no país, entretanto o que ainda presenciemos nas salas de aula são os mecanismos tradicionais de ensino, fincados em estruturas presas que nada refletem o processo comunicativo real que ocorre diariamente nos grupos de falantes. Como resultado temos uma massa de aprendizes da língua portuguesa incapazes de refletir

sobre o uso da própria língua, o que dificulta a participação plena desses indivíduos como cidadãos na sociedade.

Frente a esse cenário linguístico do país, compartilhamos o posicionamento de Bagno quando propõe uma **reeducação sociolinguística**, que neste caso ocorreria na escola e que teria como prioridade o ensino da língua portuguesa mais significativo:

À professora e ao professor de língua portuguesa cabe o trabalho da **reeducação sociolinguística** [grifo do autor] de seus alunos e de suas alunas. O que significa isso? Significa valer-se do espaço e do tempo escolares para formar cidadãos e cidadãs conscientes da complexidade da dinâmica social, conscientes das múltiplas escalas de valores que empregamos a todo momento em nossas relações com as outras pessoas por meio da linguagem. (BAGNO, 2007, p. 82).

A reeducação proposta por Bagno enfatiza a necessidade de buscarmos um ensino que não valorize apenas as normas gramaticais da língua portuguesa, mas a compreenda partindo de seu uso e das práticas sociais a que está envolvida.

### **Educação linguística e Letramento para o ensino de língua portuguesa.**

A língua é o principal mecanismo que o homem utiliza para se comunicar e interagir em sociedade, o seu papel mediador no processo comunicativo a coloca em um patamar de reconhecido prestígio entre os sujeitos falantes, portanto saber as possibilidades que ela oferta torna-se necessário para efetivar a atuação do indivíduo em suas relações sociais.

Concordamos com Bagno e Rangel quando preceituam a educação linguística como um aglomerado de elementos constituídos pelas sociedades e suas produções culturais:

[...] que durante toda a existência de um indivíduo, lhe possibilitam adquirir, desenvolver e ampliar o conhecimento de/sobre sua língua materna, de/sobre outras línguas, sobre a linguagem de um modo mais geral e sobre todos os demais sistemas semióticos. Bagno e Rangel (2005, p. 63)

A capacidade de pensar e produzir criticamente enunciados nas diferentes situações comunicativas ocorre quando o indivíduo esta inserido em uma educação linguística que lhe possibilita ter o conhecimento e o domínio do instrumento que media a comunicação, a língua, essa educação se dá inicialmente no seio da família e no ciclo social a que pertence, é sistematizada na escola e continua por toda vida posto que é um processo cíclico e contínuo.

O conhecimento da língua compreende todo um conglomerado de elementos que se formam das relações sociais ao longo da história das sociedades, sendo assim é impossível desvincular esse conhecimento das experiências e interações vividas pelos falantes, não se pode estudar a língua partindo de situações isoladas que nada dizem das inter-relações constantemente mantidas, a formação do sujeito falante se materializa nos diferentes ambientes nos quais ele se insere apresentando características diversas, entretanto é no contexto da escola que ocorre a sistematização dos saberes linguísticos.

Os primeiros contatos com os saberes linguísticos ocorrem na fase pré-escolar, neste momento a criança recebe as noções iniciais sobre a língua e juntamente com o círculo familiar e social vai assimilando determinadas estruturas que a auxilia na construção de enunciados e dessa forma expressa seus desejos e opiniões, até este momento não houve coação a formas ‘certas’ ou ‘erradas’, simplesmente houve o processo comunicativo, porém ele se desenvolveu sobre certos paradigmas naturais que a criança construiu partindo de suas experiências interativas, a sistematização desse processo ocorre na escola que tem como tarefa aprimorar e desenvolver o conhecimento linguístico nos falantes.

A educação linguística realizada na escola deve preocupar-se com o desenvolvimento da competência linguística do aluno, trazendo um conhecimento crítico e reflexivo sobre o uso da língua nos diferentes contextos de discursos, acreditamos que a prática do letramento através do trabalho com gêneros textuais contribui para esta finalidade, ao passo que desenvolve diferentes situações comunicativas que o falante já vivenciou ou irá vivenciar em algum momento da vida.

O conceito de letramento formulado por Soares (*apud* BAGNO; RANGEL, 2005, p. 69) atende essa proposta, definindo como “estado ou condição de quem não só sabe ler e escrever, **mas** exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral”, segundo esses autores é necessário o letramento para que ocorra a educação linguística, o letramento vai além do conceito de alfabetizar o falante, um falante letrado é o sujeito que possui a compreensão do aparato linguístico solicitado nos diferentes contextos comunicacionais, o domínio dessa condição possibilita ao indivíduo atuar plenamente em seu grupo social.

## **Gramática na Escola.**

Um dos conceitos de gramática apontado pelos autores (Travaglia, 2001 e Possenti, 1996) considera a gramática “Um manual de regras de bom uso da língua, trata-se de um esquema de normas para falar e escrever bem”. Tal concepção se encaixa nos conceitos da gramática normativa, cujo interesse está direcionado primeiramente à variedade escrita padrão, esse conceito tem servido de base para o ensino de gramática na maioria das escolas brasileiras, onde se aprende um sistema que tenta explicar o funcionamento da língua, com suas regras e padrões linguísticos.

Entretanto o que percebemos é um ensino apenas teórico de como devemos nos comunicar, que apresenta uma explicação na formação estrutural de uma frase completamente distante dos ambientes comunicativos do aluno. A análise da língua aponta suas partes e a soma de seus valores na estrutura frasal, dificultando a compreensão do aluno na sua utilização, esse modelo estruturalista que tem sido ensinado nas escolas distancia ainda mais a gramática do uso, porém o PCN (Plano Curricular Nacional) apresenta uma proposta funcionalista para o ensino da língua portuguesa, no qual se busca uma efetiva utilização da linguagem, não apenas no ambiente escolar propondo a plena utilização da língua no contexto de uso, para não tornar o ensino de língua portuguesa apenas uma decodificação de palavras, oferecendo ao aluno além da forma estrutural, a função comunicativa da língua. Outro ponto a se destacar nessa proposta é o domínio da linguagem como plena participação social, fazendo-se necessário o letramento, para o desenvolvimento da compreensão de diferentes tipos de texto possibilitando ao estudante o domínio das habilidades linguísticas.

Embora seja notória essa guinada com relação aos estudos linguísticos, muitas vezes a escola prioriza a gramática normativa, tendo-a como sinônima de ensino de Língua Portuguesa e limitando-se a prescrição de normas. Como afirma Martelotta (2013, p. 47):

[...] ao conceber a existência de formas gramaticais corretas, os gramáticos tradicionais abandonam determinadas formas consideradas erradas, mas que são efetivamente utilizadas pelos falantes na comunicação diária. Com isso, essa gramática adota uma visão parcial da língua, sendo incapaz de explicar a natureza da linguagem em sua totalidade.

As aulas de língua portuguesa na sua maioria tendem explicar a língua como uma estrutura, com partes isoladas que apresentam determinadas funções, e cabe aos estudantes “decorar” cada uma delas para então identificá-las dentro de frases isoladas e fora de contexto. A proposta do uso competente da língua apresentada pelo PCN ainda não aparece

nas práticas metodológicas do ensino da língua, o que se observa são ensinamentos de cunho tradicional, valorizando uma gramática distante da prática habitual do estudante.

Essa característica tradicionalista é percebida quando propomos ao aluno a análise da língua através de palavras soltas, dificultando o entendimento do que é língua escrita e como ela se apresenta nas interações sociais, um exemplo disso são os famosos ditados que não apresentam resultados significativos no uso das palavras, uma vez que o aluno apenas os enxerga como um amontoado de vocábulos sem utilidade.

Acreditamos no ensino funcionalista, trabalhando o letramento a partir de suas interações de fala e produções textuais que valorizem o conhecimento prévio do aluno, para o uso efetivo da língua. Marcuschi ainda adverte:

Não existe um uso significativo da língua fora das inter-relações pessoais e sociais situadas. [...] isto quer dizer que todo uso autêntico da língua é feito em textos produzidos por sujeitos históricos e sociais de carne e osso, que mantêm algum tipo de relação entre si e visam a algum objetivo comum.

### **Proposta**

O uso da língua será o nosso ponto de partida para uma nova proposta no ensino da gramática, considerando que os estudantes já são usuários da língua quando chegam à escola, desse modo possuem uma bagagem linguística que não pode ser ignorada, acreditamos nas atividades sociointeracionistas que valorizem o conhecimento prévio do aluno, desenvolvendo-se através de conversas que permitam a reflexão sobre a própria língua, discussão do seu uso, e conhecimento das diferenças dialetais presentes na região onde mora, depois dessa reflexão sobre o uso crítico da língua podemos adentrar no estudo da sua estrutura e como se organiza em diferentes ambientes comunicativos.

Arelado a esse ambiente de conversa, propõe-se a utilização de textos produzidos pelos próprios estudantes, partindo da ideia que o aluno já possui uma *gramática internalizada*, que o possibilita compreender as estruturas de sua própria língua, a qual não está desvinculada de padrões normativos, e considerando sua capacidade criativa de elaborar diferentes enunciados que refletem experiências já conhecidas e vivenciadas, a produção textual realizada pelos estudantes ampliaria a visão e entendimento da língua partindo diretamente de seu uso para então conhecer as partes de uma frase e suas respectivas funções, entendendo o real sentido da estrutura gramatical, a correlação que as palavras apresentam entre si e talvez suas supostas irregularidades no uso coloquial da língua, ao mesmo tempo

valorizando a importância da escrita para o bom uso, já que os estudantes produziram seus textos dentro da sala de aula simulando situações interativas do cotidiano, para então ser trabalhado com o aluno a estrutura da língua em uma perspectiva normativa.

O conhecimento da gramática não anula o coloquialismo presente no dia a dia dos falantes, pensamos que a *gramática internalizada* possa contribuir para a aquisição da gramática normativa, que se faz necessária no pleno conhecimento do funcionamento da língua em diferentes ambientes comunicativos. Atrelar o uso da língua com a sua estrutura no momento do ensino facilita o entendimento das regras gramaticais que tanto assombram estudantes brasileiros, além disso, torna-se mais eficaz o ensino da utilização da língua em diversos ambientes comunicativos, priorizando assim o uso língua para uma efetiva formação linguística.

## **Conclusão**

Consideramos que a educação da língua portuguesa deve ofertar ao estudante um ensino focado na reflexão crítica e significativa sobre a linguagem partindo das situações interativas de comunicação que refletem seu uso, promovendo no aluno, que é falante da língua, o desenvolvimento consciente das habilidades de leitura e escrita, e o reconhecimento da intencionalidade na comunicação e do papel mediador da linguagem nesse processo.

Seguimos os pressupostos da Linguística Funcional, que prioriza o uso da língua no processo comunicativo, explicando os aspectos gramaticais partindo de situações interativas concretas entre os falantes. Acreditamos que esta vertente propõe um direcionamento mais produtivo para o ensino.

A educação linguística e o letramento entram nessa proposta como base para o ensino da língua portuguesa, tendo em vista a interação que esses mecanismos despertam nos ambientes de sala de aula, partindo de conversas que levam o aluno a refletir sobre todo o processo comunicativo e uso criativo que a linguagem dispõe a seus falantes.

Acreditamos que o estímulo à produção de diferentes gêneros textuais, para uma percepção prática da gramática normativa, com foco nos diferentes contextos comunicativos, que representam as vivências cotidianas dos falantes, possa contribuir para uma melhor formação em língua portuguesa dos estudantes brasileiros.

## Referência

BAGNO, Marcos; RANGEL, Egon de Oliveira. **Tarefas da educação linguística no Brasil**. Rev. Brasileira de Linguística Aplicada. V.5, n. 1, p. 63-81, 2005.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013 (p. 43-70).

FURTADO DA CUNHA, Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013 (p. 157-176)

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

MARTELOTTA, Mário Eduardo & AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A & RIOS DE OLIVEIRA, M. et. all (orgs.). **Linguística funcional teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003(P. 17-28).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

TRAVAGLIA, L.C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 2001.